



**ALEIJA: ATÉ QUANDO INSISTIREMOS EM NÃO ASSUMIR QUE SOMOS
CAPACITISTAS?**

**CRIPPLED: HOW LONG WILL WE KEEP REFUSING TO ACKNOWLEDGE THAT
WE ARE ABLEIST?**

**TULLIDO: ¿HASTA CUÁNDO INSISTIREMOS EN NO ASUMIR QUE SOMOS
CAPACITISTAS?**

Carlos Alberto Ferreira da Silva¹

Resumo: Propõe-se apresentar o contexto do *IV Encontro de Artes Cênicas e Acessibilidade Cultural: práticas e desaprendizagens*, realizado na Universidade Federal do Acre, em 2023. O referido texto apresenta discussões sobre um exemplo de capacitismo, realizado na abertura do evento, buscando, a partir dessa ação, questionar a urgência do Ensino Superior assumir as lacunas presentes na formação; propor uma reestruturação nos currículos dos cursos de Artes, com disciplinas que articulem com o contexto da acessibilidade; viabilizar um letramento no processo de formação. Assim, o texto busca aleijar as estruturas, articulando com pensadores e artistas Defs.

Palavras-chave: Acessibilidade. Aleijar. Capacitismo.

Abstract: *It is proposed to present the context of the IV Meeting on Performing Arts and Cultural Accessibility: Practices and Unlearning, held at the Federal University of Acre in 2023. The text discusses an example of ableism that occurred during the event's opening, aiming to use this action as a basis to question the urgency for Higher Education to address the gaps in its training processes. It advocates for a restructuring of Arts curricula to include courses that address accessibility contexts and foster literacy in the formation process. Thus, the text seeks to disrupt structures, drawing on the contributions of disabled thinkers and artists.*

Keywords: Accessibility. Cripple. Ableism.

Resumen: *Se propone presentar el contexto del IV Encuentro de Artes Escénicas y Accesibilidad Cultural: prácticas y desaprendizajes, realizado en la Universidad Federal de Acre en 2023. El texto aborda discusiones sobre un ejemplo de capacitismo ocurrido durante la apertura del evento, buscando, a partir de esta acción, cuestionar la urgencia de que la Educación Superior asuma las brechas presentes en la formación; proponer una reestructuración en los planes de estudio de los cursos de Artes, con asignaturas que dialoguen con el contexto de la accesibilidad; y fomentar una alfabetización en el proceso de formación. Así, el texto busca dismantlar las estructuras, articulando con pensadores y artistas con discapacidad.*

Palabras clave: Accesibilidad. Tullido. Capacitismo.

¹ Doutor em Artes Cênicas, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) com Doutorado-Sanduíche na Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3 (PDSE-CAPES); Mestre, pela UFBA; Graduado em Artes Cênicas Licenciatura e Bacharelado com ênfase em Direção Teatral e Interpretação, pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Encenador, performer, ator, produtor teatral. Docente da Universidade Federal de Sergipe (UFS), no curso de Teatro e do Mestrado Profissional em Educação Inclusiva; Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Acre (UFAC). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5601-7990>
E-mail: carlos.ferreira@academico.ufs.br

Introdução

No dia 4 de dezembro de 2023², na Universidade Federal do Acre, iniciava-se o *IV Encontro de Artes Cênicas e Acessibilidade Cultural: práticas e desaprendizagens*. Um Encontro que versou pela interação entre discentes, docentes, pesquisadores(as) e artistas sem e com deficiência. A proposta era compartilhar e estimular experiências que envolvessem pesquisas de pessoas sem e com deficiência, que buscam em suas práticas pedagógicas fomentar e ampliar as discussões sobre as áreas das Artes Cênicas e da Acessibilidade Cultural.

No referido ano, em sua quarta edição, o Encontro, fruto de um Projeto de Extensão coordenado por Carlos Alberto Ferreira da Silva, na época docente da Universidade Federal do Acre (UFAC), certificou 4.315 pessoas participantes do Encontro. Sendo que, no evento de 2022, também na UFAC contou com o número direto de 2.957 participantes com participação nas oficinas, mesas (desaprendizagens) e apresentações artísticas, teatrais e performativas, com um número expressivo de espectadores nos espaços culturais da Usina de Arte e no SESC de Rio Branco. Ciane Fernandes, pesquisadora e artista, participante de três edições do Encontro, no texto *Towards an Intermodal Merger: Somatics, Disability and Brazilian Collaborative Performance*, destaca sobre a importância do evento nos últimos anos para o contexto do Brasil:

Since 2020, Ferreira has also been the organizer of an annual national event on disability entitled Performing Arts and Cultural Accessibility: Practices and Unlearnings [*Encontro de Artes Cênicas e Acessibilidade Cultural: Práticas e Desaprendizagens*]. In 2022, the event had a hybrid format and hosted 1,963 participants (of which 1,200 were present). At the event, artists with disabilities – including black women with disabilities – from all over the country were present teaching workshops and giving lectures, participating in panels and performing live or on video.⁴ In 2023, the event had 4,315 participants who gathered live at Rio Branco (Acre, North of Brazil); this event included workshops, lectures, round table discussions and performances with representatives from all over the country³. (Fernandes, 2024, p. 162)

² IV Encontro de Artes Cênicas e Acessibilidade Cultural - 04/12/23 - TARDE. **Artes e Acessibilidade**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Nv8AeNvqyxU&t=2426s>. Acesso em: 11 dez. 2024.

³ Desde 2020, Ferreira também é organizador de um evento nacional anual sobre deficiência intitulado **Encontro de Artes Cênicas e Acessibilidade Cultural: Práticas e Desaprendizagens** (*Performing Arts and Cultural Accessibility: Practices and Unlearnings*). Em 2022, o evento ocorreu em formato híbrido e contou com a participação de 1.963 pessoas (das quais 1.200 estiveram presentes). Durante o evento, artistas com deficiência – incluindo mulheres negras com deficiência – de diversas partes do país ministraram oficinas, realizaram palestras, participaram de painéis e se apresentaram ao vivo ou em vídeos. Em 2023, o evento reuniu 4.315 participantes



Os Encontros de Artes Cênicas e Acessibilidade Cultural: práticas e desaprendizagens contaram com um público de pessoas sem e com deficiência, como artistas, pesquisadores, fazedores de arte, gestores culturais, educadores, gestores escolares, familiares e interessados na temática, pessoas da cidade de Rio Branco e de outras localidades do estado do Acre e do Brasil.

Os Encontros de Artes Cênicas e Acessibilidade Cultural: práticas e desaprendizagens são considerados como um dos maiores eventos da área de Artes Cênicas e Acessibilidade Cultural do Brasil, além de terem sido promovidos e realizados na Região Norte do Brasil, entre os anos de 2020 a 2023, marcando o avanço e a expansão da pesquisa, da extensão, do ensino da graduação e da pós-graduação da área de Artes, Artes Cênicas e Acessibilidade Cultural, uma vez que em 2022 e 2023, os encontros foram aprovados no Programa de Apoio a Eventos no País (PAEP)⁴, edital da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Durante os anos de realização, é incontável a importância dos docentes parceiros, como Jefferson Fernandes Alves, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Marcia Berselli, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), bem como tantos outros artistas e pesquisadores sem e com deficiência que compuseram as referidas programações a cada ano. As inquietações, ao longo de cada evento, se moveram na mesma frequência, trazendo a palavra “prática” como o ponto mobilizador das/nas discussões, na expectativa de colaborar com a ampliação das pesquisas e debates que atravessam os estudos atuais sobre Artes Cênicas e Acessibilidade Cultural.

A articulação entre Artes Cênicas e Acessibilidade Cultural é algo ainda muito recente nos estudos universitários, tanto na graduação como na pós-graduação. Para Ferreira da Silva destaca-se que:

No contexto do ensino regular, educadoras/educadores e gestoras/gestores deparam-se com a necessidade urgente e necessária de pensar o ensino formal de forma democrática e acessível para todas/todos as/os discentes que frequentam o ambiente escolar. Entretanto, essa realidade é ainda um desafio, pois as/os profissionais destacam a dificuldade em trabalhar com pessoas com

presencialmente em Rio Branco (Acre, Norte do Brasil), oferecendo oficinas, palestras, mesas-redondas e apresentações com representantes de todo o país. [Tradução nossa].

⁴ Programa que visa conceder apoio financeiro à realização de eventos de caráter científico, tecnológico ou de extensão, de curta duração no país, com envolvimento de pesquisadores, docentes e discentes dos programas de pós-graduação.



deficiência, uma vez que a/o educadora/educador não possui uma formação adequada; a escola não possui os devidos preparos estruturais para receber a/o discente; as políticas públicas apresentam eficiências e ineficiências com relação aos direitos das pessoas com deficiência em favorecer o acesso (rampas, elevadores, recursos comunicacionais e tecnológicos) ao espaço escolar; dentre tantos outros pontos que poderiam ser apontados como responsáveis por essa dificuldade frequentemente discutida por profissionais da educação. Com isso, muitas pessoas com deficiência deixam de vivenciar esse espaço que deveria ser democratizado para o coletivo, e passam a viver a segregação social. Pensar o ensino acessível é democratizar o acesso do sujeito a alcançar os desejos e propósitos como qualquer outra pessoa, por isso, a importância que as políticas públicas possuem no contexto da vida desse sujeito. (Ferreira Da Silva, 2021, p. 45).

Os aspectos apresentados por Ferreira Da Silva (2021), com inúmeras lacunas presentes na Educação Básica, infelizmente, são reflexos que se iniciam nas graduações e pós-graduações, uma vez que as dificuldades do tema estão presentes também na formação dos futuros profissionais. Isto é, muitas licenciaturas, com formações específicas, em suas diversas áreas de conhecimento, não possuem conteúdos programáticos, disciplinas e propostas que envolvam as áreas e os estudos da deficiência, de tal modo que o futuro educador, ao adentrar no mercado de trabalho, depara-se com uma realidade avessa do apreendido e discutido no ensino superior.

Para os autores Ferreira da Silva, Silva e Jesus (2022, p. 138), existem apenas duas disciplinas “voltadas” para a questão da Educação Especial, no ensino superior, principalmente, nos cursos de Licenciatura, são elas: *Letras Libras* e *Educação Especial*. O baixo número de disciplinas que abordam essa temática tem prejudicado os futuros docentes. Tendo em vista que é preciso que haja uma mudança com urgência no currículo do ensino superior, visto que, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) “24% da população brasileira, cerca de 45 milhões de pessoas, possuem alguma deficiência”⁵.

Ao compreender a urgência, é necessário que os Centros, os Departamentos, os Colegiados assumam o compromisso de reestruturar os currículos acadêmicos, buscando um diálogo direto com a realidade do contexto escolar. Atualmente, nas escolas, todas as salas

⁵ BRASIL. **Políticas públicas levam acessibilidade e autonomia para pessoas com deficiência**. Portal Gov.br 24 set. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2021/09/politicas-publicas-levam-acessibilidade-e-autonomia-para-pessoas-com-deficiencia>. Acesso em: 17 nov. 2024.



possuem um aluno com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. Ou seja, ter aluno com deficiência, hoje, é uma realidade, então, por qual motivo os cursos ainda não possuem disciplinas específicas em suas áreas de conhecimento/formação para desenvolver e realizar práticas de ensino/aprendizagem com as pessoas com deficiência? O fato é que, ao inserir nos currículos uma disciplina específica, resulta a necessidade de profissionais com pós-graduação voltada para a área da *acessibilidade*, ao mesmo tempo, corrobora para que novos concursos possam ser abertos e ocupados por artistas e pesquisadores Defs.

Dessa forma, os estudos e as experiências práticas, envolvendo pesquisadores e artistas Defs, nas diversas dimensões que envolvem essa tríade – no ensino, na pesquisa e na extensão – são proposições que precisam ampliar suas atenções e interlocuções com os referidos temas. Os poucos estudos que se delineiam nesse campo de investigação propiciam provocações cênicas de artistas e pesquisadores com deficiência, nos colocando diante do que poderíamos chamar de “antilições” – proposições pedagógicas e artísticas que nos convidam à (re)invenção das formas como concebemos as práticas educacionais correntes no campo do ensino, da pesquisa e da extensão, levando em conta a perspectiva da Acessibilidade Cultural.

Por isso, é preciso que as universidades assumam o papel da *formação continuada*, compreendendo a necessidade de fazer com que os profissionais que já estão no mercado possam acessar as discussões sobre acesso e acessibilidade, e fazer com que os futuros educadores possam, durante a graduação, ter contato com a temática da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva.

Dessa maneira, através da realização e promoção do Encontro, considera-se como ponto de vista a perspectiva assumida pela pessoa com deficiência, nas dimensões da prática e do fazer cultural, podendo ampliar o reconhecimento de abordagens e princípios que estimulam a prática pedagógica, possibilitando uma desaprendizagem de nossas certezas teórico-metodológicas e dos quadros de valores pautados na normalidade e na exclusão da diferença. Assim, grande parte dos convidados que se fazem presentes no Encontro são artistas e pesquisadores Defs, na via de trazer e possibilitar a “movimentação das placas tectônicas”, isto é, friccionar alguns “pensamentos” endurecidos pela comunidade acadêmica, e *aleijar* as estruturas, os currículos e as práticas pedagógicas.



A noção de *aleijar* tem como base a *Teoria Crip*, que “é uma possibilidade metodológica de você pensar a produção da deficiência, uma outra maneira de pensar as localizações e produções culturais da deficiência” (Carmo, 2023, p. 189). Já para Mello (2016, p. 258), “na *Teoria Crip* sua máxima se sustenta pelo postulado da corponormatividade de nossa estrutura social pouco sensível adversidade corporal”. Assim, a teoria aleijada, segundo Robert McRuer (2006), oferece um “modelo cultural” da deficiência, rejeitando a ideia de que não ter uma deficiência seja um estado “natural” de todo ser humano. “Nesse sentido, a teoria aleijada se opõe a ambos os modelos, o médico e o social, da deficiência, o primeiro, por reduzi-la à patologia; o segundo, por apagar a questão do corpo, ou seja, entende que a deficiência não está situada nos corpos das pessoas com deficiência, mas no ambiente inacessível e com o qual teriam que se adaptar” (Mello; Aydos; Schuch, 2022, p. 18).

Vocês, bípedes, me cansam! Modos de aleijar a dança como contra narrativa à bipedia compulsória, título da tese de doutorado de Carlos Eduardo Oliveira do Carmo, Edu O. (Carmo, 2023), na definição de *aleijar* é possível encontrar uma série de significados atrelados ao termo, como: “descolonizar, mutilar, deformar e contundir o pensamento hegemônico sobre deficiência, acesso e inclusão, provocando-lhe fissuras (Comitê Deficiência e Acessibilidade da Associação Brasileira de Antropologia, 2020, p. 4). Ou seja, é considerar a experiência das deficiências como modos de organização que contemplam não apenas Defs, mas que, sobretudo, não nos pretere, muito pelo contrário” (Carmo, 2023, p. 164). Torna-se necessário que diversos contextos venham a ser *aleijados*, a fim de questionar a exclusão do capacitismo como matriz de discriminação interseccional nas teorias feministas, *queer* e decoloniais. Nesse sentido, a tradução da palavra “Aleijar”, “verbo trazido da tradução de *crip*, abreviação de *cripple*, que significa ‘aleijado’. A tradução de *crip theory* para *teoria aleijada* foi proposta por Anahí Guedes de Mello e Marco Antônio Gavério” (Gavério, 2015; Mello, 2014; 2018; Mello; Gavério, 2022). No texto, *Aleijar as antropologias a partir das mediações da deficiência*, as autoras apresentam os sentidos presentes a partir dos termos *crip* e aleijado.

Como ocorre com o *queer*, os termos *crip* e aleijado têm sentidos propositalmente pejorativos e subversivos, demarcando a importância do engajamento aleijado contra as práticas de normalização de corpos, por meio da crítica aos sistemas de opressão marcados pelo patriarcado, pela heterossexualidade compulsória (Rich, 2010), pela cisgeneridade compulsória (Simakawa, 2015) e pela capacidade corporal compulsória (McRuer, 2002).



Assim, quando uma pessoa não ouve com os ouvidos, ela é lida como “deficiente” e passa a ser, culturalmente, percebida como “incapaz”. “Por isso, o capacitismo impede a consideração de que é possível andar sem ter pernas, ouvir com os olhos, enxergar com os ouvidos e pensar com cada centímetro de pele que possuímos” (Mello, 2019b, p. 136). (Mello; Aydos; Schuch, 2022, p. 18-19).

Dessa forma, o Encontro versa pela subversividade, buscando interseccionar e friccionar os diversos contextos educacionais e culturais, aleijando com a participação, presença e ocupação dos corpos de pesquisadores e artistas Defs durante os dias de evento. Ao aleijar os espaços, os currículos, as discussões, provoca nas pessoas normativas, bípedes, sem deficiência, pensamentos que rompem ou estimulam a quebra de uma ideia *clean, limpa, bela, virtuosa, normal, perfeita, organizada*. O Encontro de Artes Cênicas e Acessibilidade Cultural: práticas e desaprendizagens possui essa função de desaprender e movimentar as placas tectônicas, por meio de discussões nas oficinas, encenações, mesas, visando com que a gente, enquanto sujeitos que ocupam uma vivência social, ALEIJE os diversos lugares, e, ao mesmo tempo, *nos* questionando: *até quando insistiremos em não assumir que somos CAPACITISTAS?*

É preciso pensar antes de se comunicar

Ao retomar a data do dia 4 de dezembro, o evento iniciou-se com uma apresentação de Mona Rikumbi, atriz e ativista das causas raciais, gênero e artistas com deficiências. Além de ser a primeira mulher negra e cadeirante a atuar no Theatro Municipal de São Paulo. Sua apresentação, *Liberdade Arrancada*, deu início ao *IV Encontro de Artes Cênicas e Acessibilidade Cultural: práticas e desaprendizagens*.



Imagem 1: Mona Rikumbi e Djane Borba na apresentação *Liberdade Arrancada*, no Teatro Universitário da UFAC



Fonte: Acervo do autor. Foto: Ramon Aqui, 2023.

#paratodosverem: Foto na horizontal, Mona Rikumbi, mulher negra, careca, com um colar sobre a cabeça, usa um vestido colorido, está na cadeira de rodas. Ao lado, uma mesa de madeira e um copo de água, ao fundo da imagem, Djane Borba, em pé, próxima ao tripé com microfone.

Logo após a *performance* de Mona Rikumbi, a cerimonialista começou a compor a mesa, chamando as autoridades presentes para subirem até o palco do Teatro da Universidade Federal do Acre e ocuparem seus assentos. Ao término do anúncio de todas as pessoas e autoridades, a frase da cerimonialista foi: “convidamos a todos para acompanhar em posição de respeito a execução do Hino Nacional brasileiro”, em seguida, o Hino Nacional foi entoado. Contudo, a posição de respeito se referia a solicitar que todos ficassem de pé.

Tal frase contrapunha em primeira instância todo o processo de luta e discussão contra o capacitismo, sobretudo o trabalho acabado de ser realizado pela Mona Rikumbi, uma mulher preta, artista Def, cadeirante. Ao delegar aos espectadores que tomássemos uma posição de respeito, sem problematizar o que poderia ser a referida posição, gera uma contradição, inclusive com a temática do evento em questão.

Imagem 2: autoridades e espectadores em pé durante o Hino Nacional



Fonte: Acervo do autor. Foto: Ramon Aqui, 2023.

#paratodosverem: foto na horizontal, ao lado esquerdo, a imagem de várias pessoas em pé, lado a lado, atrás de uma mesa, dentre as pessoas, estão a reitora da UFAC, o Secretário de Educação do Estado do Acre, representantes do Ministério da Cultura. Ao lado direito, as pessoas da plateia, em pé, durante a execução do Hino Nacional.

Para o pesquisador e artista Edu O⁶., em sua tese de doutorado (Carmo, 2023, p. 67), ao discutir sobre o *capacitismo*, em um dos subitens, “Capacitismo: um nome para a discriminação sem nome”, o autor apresenta o conceito a partir dos estudos de Mello (2014, p. 54), que compreende e explica o capacitismo como uma categoria analítica discursiva para nomear o que, até então, conhecíamos como “discriminação por motivo de deficiência”. Conceitualmente, Mello compreende e explica o capacitismo como:

Uma postura preconceituosa que hierarquiza as pessoas em função da adequação dos seus corpos à corponormatividade. É uma categoria que define a forma como as pessoas com deficiência são tratadas de modo generalizado como incapazes (incapazes de produzir, de trabalhar, de aprender, de amar, de cuidar, de sentir desejo e ser desejada, de ter relações sexuais etc.), aproximando as demandas dos movimentos de pessoas com deficiência a outras discriminações sociais, como o sexismo, o racismo e a homofobia (Mello, 2016, p. 3272).

⁶ Carlos Eduardo Oliveira do Carmo, Edu O., artista da dança, performance e teatro, escritor, professor da Escola de Dança da UFBA.

Dessa forma, Edu O. amplia as discussões sobre o capacitismo, trazendo o termo de uma forma do como se torna tão arbitrária no contexto das pessoas com deficiência, pois “o corpo com deficiência seria um corpo minoritário e diferente, um fenômeno social, ao invés de patológico ou defeituoso” (Carmo, 2023, p. 69), assim, como as pessoas sem deficiência age torna-se uma verdadeira inflamação no contexto social. Para o artista:

O capacitismo perpassa todo pensamento binário que implica em hierarquização de corpos (MOREIRA *et al.*, 2022). Essa lógica de superioridade de algumas categorias sociais sobre as outras, serviu – igualmente - para pessoas brancas escravizarem as pessoas indígenas e negras (racismo) ou os homens ocuparem os espaços de poder e receber salários maiores do que as mulheres, mesmo que estas exerçam as mesmas funções (sexismo). Por isso, podemos compreender que “o racismo, sexismo, LGBTfobia e adultocentrismo são sistemas de opressão atravessados pelo capacitismo” (MOREIRA *et al.*, 2022, p. 3.951) que engendram uma projeção deficientizante (CARNIEL E MELLO, 2021), portanto incapacitante, nas relações com os seus correspondentes marcadores sociais. (Carmo, 2023, p. 69).

Portanto, quando não há um letramento no campo acadêmico sobre as questões referentes à acessibilidade, versando por um processo de aprendizagem, inúmeras situações como essas se fazem presentes. Outro ponto a destacar é a falta de interesse de docentes, discentes e servidores em eventos organizados nas próprias instituições que envolvam temáticas, por exemplo, como as Artes Cênicas e a Acessibilidade Cultural. Contudo, no dia a dia, ao se depararem com discentes com deficiência, o discurso é sempre: “eu não sei o que fazer”, “eu não tenho tanta compreensão”, “não tive nenhuma experiência”.

É preciso reafirmar que as universidades possuem uma lacuna, principalmente com relação à criação de disciplinas específicas voltadas para a Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva nas áreas de conhecimento, sobretudo nas áreas de Artes Visuais, Dança, Música e Teatro. Porém, se existem eventos promovidos por profissionais da área, por qual motivo os docentes, os artistas, os pesquisadores sem deficiência não buscam pela formação?

É preciso escrever sobre a Acessibilidade Atitudinal, ao ser considerada a dimensão fundamental da acessibilidade, consistindo em um conjunto de práticas, atitudes e comportamentos voltados para a eliminação de preconceitos, tabus, estigmas, estereótipos e discriminações. Seu objetivo é assegurar a plena participação de pessoas com deficiência na



sociedade, em igualdade de condições com as demais pessoas, além de remover barreiras que promovem a exclusão. As medidas de acessibilidade atitudinal buscam erradicar comportamentos capacitistas, como o uso de expressões inadequadas, invasão de privacidade, perpetuação de estigmas e preconceitos sobre as capacidades das pessoas com deficiência, ações segregadoras ou desumanizadoras. Assim, é preciso que ações anticapacitistas possam assegurar a participação e a presença de artistas e pesquisadores Defs nos mais diversos espaços. Para isso, é necessário que o letramento deva ser assegurado, justamente para minimizar os *absurdos* proferidos e repetidos por instituições, órgãos, fundações, agentes, pessoas, pela sociedade. Em sua Dissertação de Mestrado, Edu O. destaca:

A falta de acessibilidade, a invisibilidade, a manutenção do olhar “coitadinho” em relação às pessoas com deficiência, a dificuldade de acesso à educação e conseqüentemente aos bens culturais, todas as barreiras sociais, arquitetônicas, comunicacionais, atitudinais e urbanísticas, são fatores que afetam drasticamente a maneira de se posicionar e agir da pessoa com deficiência. São questões que interferem na forma de estar no mundo. Lembrando que existe uma variedade enorme de deficiências que deixam menores ou maiores sequelas que produzem níveis de dependência também variados que não podem homogeneizar as singularidades de cada pessoa. (Carmo, 2014, p. 86-87).

Portanto, a acessibilidade atitudinal desempenha um papel crucial ao promover fissuras no âmbito social, estimulando que a sociedade revise os seus *modus operandi*. Vale destacar que, ao anunciar o início do Hino Nacional, enquanto coordenador do evento, ao ver a cena do palco, percebendo o constrangimento de algumas pessoas. Alguns dos convidados se recusaram a ficar de pé, mesmo não sendo pessoas com deficiência motora, mas em protesto à “posição de respeito”. Assim, após o término do Hino Nacional, no momento em que a cerimonialista solicita o pronunciamento do coordenador, destaca-se:

Boa tarde, eu estou aqui na frente. [Fala sem o uso do microfone para sinalizar para as pessoas com deficiência visual em qual lugar da mesa está]. Boa tarde a todos, a todas e a todes. Cumprimento à mesa presente, em nome de todas, todos e todes que aqui estão. A gente acaba de vivenciar aqui, uma experiência, que eu poderia dizer, que ela é, em si, já, um ponto de partida para as nossas discussões, neste Encontro de Artes Cênicas e Acessibilidade Cultural, a qual é a questão *capacitista*. Uma questão para a gente poder pensar, quando a gente canta o Hino Nacional e estamos todos de pé, por exemplo, as pessoas que vivenciam suas práticas, suas vidas, seu contexto na



cadeira de rodas, ela não pode fazer esse ato. Então, às vezes, as pessoas bípedes, quando olham, podem achar que é um desrespeito, mas pelo contrário, é uma questão, que a gente também tem que levantar sobre os nossos corpos. (Ferreira Da Silva, 2023, YouTube).

Portanto, em alguns momentos, mesmo diante de tantas pessoas, autoridades, representantes do Estado, é necessário que nos pronunciemos da forma correta. O problema não está de forma alguma na cerimonialista. Entendam, nesses atos celebrativos e formais, a referida frase é comum de ser pronunciada, mas, em algumas circunstâncias, é preciso traduzir e pensar de forma equânime junto às pessoas que ali estão no espaço. Por se tratar de um público Def, *é preciso pensar antes de se comunicar*. Enquanto pessoas bípedes, a demonstração de respeito é sinalizada pela posição de estar em pé; de fazer uma fila nas escolas para entoarem o cântico; de unirem as mãos ou estenderem ao longo do corpo. Porém, ao questionar a bipedia, é preciso citar o exímio trabalho de Edu O., principalmente quando destaca sobre a *Bipedia compulsória*, termo este que não está compreendido como forma de locomoção em seus aspectos físicos, biológicos e mecânicos. “Apreendo conceitualmente a bipedia compulsória que, em par com o capacitismo e a normatividade corporal compulsória (Mello, 2019), exclui as diversas corporalidades que fogem aos padrões dominantes no campo da Dança, sobretudo em relação às pessoas com deficiência, tomadas por incapazes e inaptas para dançar, diante do corpo bípede” (Carmo, 2023, p. 163). Ou seja, “a bipedia, na minha perspectiva, não se refere à maneira de andar, mas à lógica que determina o que é normal e anormal, quem é capaz ou incapaz para dançar e, assim, demarca espaços de exclusão para as pessoas com deficiência” (Carmo, 2023, p. 209).

São por meio desses questionamentos que proponho a necessidade de aleijar as diversas estruturas do ensino, da cultura, da política, da ciência, da saúde, a fim de nos questionar: **até quando insistiremos em não assumir que somos CAPACITISTAS?**

Referências

BRASIL. **Políticas públicas levam acessibilidade e autonomia para pessoas com deficiência**. Portal Gov.br, 24 set. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2021/09/politicas-publicas-levam-acessibilidade-e-autonomia-para-pessoas-com-deficiencia>. Acesso em: 2 dez. 2024.



CARMO, Carlos Eduardo Oliveira do. **Entre sorrisos, lágrimas e paixões**: implicações das políticas culturais brasileiras (2007 a 2012), na produção de artistas com deficiência na dança. 2014. 131 f. Dissertação (Mestrado em Dança) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

CARMO, Carlos Eduardo Oliveira do. **Vocês, bípedes, me cansam!** Modos de aleijar a Dança como contranarrativa à bipedia compulsória na Dança... Orientadora: Suely Aldir Messeder. 226 f. 2023, Tese (Doutorado) - Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2023.

COMITÊ DEFICIÊNCIA E ACESSIBILIDADE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. **Contracartilha de acessibilidade**: reconfigurando o corpo e a sociedade. Brasília: ABA; São Paulo: Anpocs; Rio de Janeiro: UERJ, 2020.

FERNANDES, Ciane. Towards an intermodal merger: Somatics, disability, and Brazilian collaborative performance. **Anthology theatre disability and citizenship perspectives from the Global South and Global North**. 1ed.Oslo: Cappelen Damm, 2024. v. 1, p. 173-192.

FERREIRA DA SILVA, Carlos Alberto. Práticas Lúdicas e Pedagógicas: uma abordagem teatral na formação de discentes no curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia. **Revista Triângulo**, v. 14, n. 2, p. 1-21, maio/ago. 2021.

FERREIRA DA SILVA, Carlos Alberto; SILVA, Antonia Paula Oliveira da; JESUS, Jamile da Cruz e. O processo criativo de: Os dois turrões e Romeu e Julietas com pessoas com deficiência no estado da Bahia: a materialidade e a acessibilidade cultural como abordagem para Abraçar a mudança. In: ALVES, Jefferson Fernandes; SILVA, Carlos Alberto Ferreira da; BERSELLI, Márcia (Org.). **Artes cênicas e acessibilidade cultural**: contextos de desaprendizagem. Vol. 2. Natal: SEDIS-UFRN, 2024.

GAVÉRIO, M. A. Medo de um planeta aleijado? Notas para possíveis aleijamentos da sexualidade. **Áskesis**, São Carlos, v. 4, n. 1, p. 103-117, jan./jun. 2015.

GAVÉRIO, M. A. **Reabilitar é incluir?**: um estudo de práticas em reabilitação físico-motora. 2022. Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022.

McRUER, Robert. **Crip Theory**: Cultural Signs of Queerness and Disability. New York: New York University Press, 2006.

MELLO, Anahí Guedes de. **Gênero, deficiência, capacitismo e cuidado**: uma análise antropológica de experiências, narrativas e observações sobre violências contra mulheres com deficiência. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.



MELLO, Anahí Guedes de. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro. v. 21, n. 10, p. 3265-3276, 2016.

MELLO, A. G. Dos pontos de vista antropológico, queer e crip. **A força da “situação” de campo**: ensaios sobre antropologia e teoria queer. Florianópolis: Editora da UFSC, 2018. p. 255-277.

MELLO, A. G. **Olhar, (não) ouvir, escrever**: uma autoetnografia ciborgue. 2019. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019a.

MELLO, A. G. Politizar a deficiência, aleijar o queer: algumas notas sobre a produção da hashtag#ÉCapacitismoQuando no Facebook. **Desigualdades, gêneros e comunicação**. São Paulo: Intercom, 2019b. p. 125-142.

MELLO, Anahí Guedes de; AYDOS, Valéria; SCHUCH, Patrice. Aleijar as antropologias a partir das mediações da deficiência. **Horizontes Antropológicos** (online), v. 28, p. 7-29, 2022.

Recebido: 28.10.2024

Aceito: 01.12.2024

Publicado: 19.12.2024



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).